

pertinência crítica. Mauriac é mais romancista que romancista — este exige sempre espaço e situações e personagens diversificadas —, é sobretudo um poeta da prosa, e a sua condição cristã não diminui o artista: pelo contrário, as suas melhores páginas do ponto de vista estético são aquelas em que o sentimento religioso se exprime com patética sinceridade (p. 98).

Mas, embora haja, mais do que no *Diário*, uma atenção ao outro — uma carta é sempre diálogo ou tentativa de diálogo —, o grande protagonista da *Correspondência* continua a ser Régio — Régio e a obsessão da sua obra, Régio e os seus fantasmas, vítima do meio e da incompreensão crítica, perseguido por um anjo que lhe cravava espinhos na carne.

Os correspondentes de Régio são a família, os companheiros de Coimbra e da *Presença* — o fiel e fraterno Alberto de Serpa, o «dissidente» Branquinho da Fonseca, os de relação mais conflituosa, João Gaspar Simões e, sobretudo, Adolfo Cásais Monteiro —, e escritores e filósofos da sua geração, Tomaz de Figueiredo e Vitorino Nemésio, José Marinho e Alvaro Ribeiro, jovens admiradores e ex-gegas, como o malogrado Miguel de Sá e Melo e o seu grupo coimbrão (Guilherme de Castilho, Miller Guerra), camaradas mais novos e atentos (David Mourão-Ferreira, Eugénio Lisboa, Luís Amaro). Eugénio Lisboa dirigiu, aliás, a edição das «Obras Escolhidas» de José Régio, e prefaciou também com o esclarecido saber de muitas e confrontadas leituras as *Páginas do Diário Íntimo*, enquanto Luís Amaro pôs a sua habitual minúcia erudita nas notas que acompanham a *Correspondência*. Notas também da responsabilidade de António Ventura, autor de uma documentada introdução à epistolografia em geral e à de Régio em particular — a exigir a publicação tanto quanto possível integral.

Se toda a obra de Régio é uma obra autobiográfica na poesia, na ficção, no teatro — era ele a matéria dos seus livros, era ele e o seu «caso» —, se da sua bibliografia consta uma *Confissão Dum Homem Religioso*, faltavam porém títulos *directis et apertis verbis* tão confessionais como *Páginas do Diário Íntimo* e *Correspondência*. Diário «não literário» porque escrito mais para si do que para os outros — um «caderno» de notas, em suma — e correspondência mais elaborada enquanto diálogo que reclama maior atenção à palavra, os derradeiros volumes das «Obras Escolhidas» de José Régio são o retrato, ou melhor, o mais fidedigno auto-retrato de um homem e de um escritor de que nos escapará sempre o rosto ou o eu mais secreto.

João Bigotte Chorão

V Á R I A

ALICE VIEIRA

ESTA LISBOA

Fotografias de António Pedro Ferreira

Lisboa, Editorial Caminho / 1993

Um livro sobre Lisboa, gentes e construções, acontece como um olhar pessoal, um esfiapar de saberes e recordações. Neste trabalho de Alice Vieira, vê-se a cidade em belas fotografias e escuta-se o que nos diz num texto emocionado, e também emotivo para quem vive e admira este velho burgo em acelerada mutação. Os próprios cabeçalhos dos capítulos («O Clube dos Poetas Mortos», «Não Sejas Francesa», «O Que Se Come e o Que Se Bebe», etc.) são olhares coniventes para gerações que já têm um «antes» como termo de comparação. As fotos evocam o passado, mostram o presente, questionam o futuro. O texto, sério sem sisudez, leva-nos do mítico ao histórico, do popular ao erudito, num passeio compassado que sempre nos descobre mais algum canto ignorado ou esquecido.

Sem abdicar da sua capacidade de reter a atenção dos leitores jovens, Alice Vieira conversa com os leitores mais velhos, os que já acumularam memórias, e leva-lhes a frescura, o humor e até o entusiasmo que poderão — quem dera possam... — acordar adormecidos amores pela cidade por vezes tão mal amada.

Uma história de Lisboa, desde o mito de Ulisses ao Centro Cultural de Belém, dos poetas aos museus, onde tudo nos espreita ao longo de duzentas páginas de boa apresentação que convidam o leitor a saborear a leitura, recordar personagens, rever locais e recuperar emoções.

Natércia Rocha

ENSAIO

JORGE DE SENA

MAQUIAVEL, MARX E OUTROS ESTUDOS

Lisboa, Livros Cotovia / 1991

À obra em epígrafe foi concedido, em 1976 (o original data de 1974) o único prémio que, em Portugal, Jorge de Sena recebeu em vida, segundo esclarecimento de Mécia de